

Algumas questões em torno dos primórdios do Faial

por Tiago Simões da Silva*

Tanto sepultou o descuido nas cavernas do esquecimento
a fundação desta casa, que não há memória alguma dela.

Frei AGOSTINHO DE MONTE ALVERNE¹

Esta frase, escrita por cronista do final do século XVII, refere-se à fundação da Misericórdia da Horta, ocorrida no primeiro quartel de Quinhentos, em data que se perdeu “nas cavernas do esquecimento”, mas a expressão bem pode ser aplicada à maioria das questões em torno do povoamento do Faial e do seu primeiro século



1. “Insula Fayal”.

Pormenor do mapa de Luís Teixeira, *Açores Insulae*, Antuérpia, Abraham Ortelius, 1584.
(BPARJJG, Tiago Simões da Silva, mapa de Luís Teixeira.)

* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

¹ *Apud História da Ilha do Faial. Das origens a 1833*, Horta, Câmara Municipal, 2008-, vol. I, p. 113.
Esta obra será doravante referenciada como *HIF*.

e meio, período sobre o qual nos chegaram apenas alguns documentos dispersos e, por conseguinte, se sabe muito pouco.

A ilha foi povoada a partir da década de 1460, provavelmente após a concessão da sua capitania ao flamengo Jos Dutra², em 1468. Possivelmente terá visitado a ilha cerca de dois anos antes, com um contingente flamengo, em busca de metais preciosos ou outras riquezas que se pensava existirem na ilha, o que não se verificou³. Já na posse da capitania, começou o processo de povoamento, com flamengos e portugueses, escolhendo o local para a erecção do povoado principal e distribuindo as terras da ilha pelos seus primeiros habitantes. Apesar de não termos muita informação concreta sobre a sua acção, os indícios apontam que levou a cabo uma empresa de sucesso, pois, ao contrário do que aconteceu com alguns capitães de outras ilhas, conseguiu que a ilha se povoasse, mantendo também a capitania na posse dos seus descendentes durante as décadas seguintes, nas quais se terá consolidado o processo⁴. Prova disso é o facto de, em 1482, ter-lhe sido também concedida a capitania da ilha do Pico, o que se pode ter como uma prova de reconhecimento e confiança em relação à sua acção⁵.

Jos Dutra morreu em 1495, sucedendo-lhe o filho, com o mesmo nome. Ainda no final do século XV, provavelmente já durante a capitania do filho, foi fundado o concelho da Horta, começando por essa altura a construção da igreja Matriz. Brites de Macedo, viúva do primeiro capitão, viveu e morreu na zona de Porto Pim, junto da ermida de Santa Cruz, que mandara edificar e que terá funcionado como primeira paróquia, abrangendo toda a ilha nos primeiros tempos da sua humanização⁶. A existência da ermida neste local, contíguo ao qual o casal possuía terras (para o lado do Pasteleiro), faz-nos supor que o marido tenha também vivido

² Sobre as várias grafias do nome, que surge mais comumente grafado como Josse van Hurtere, veja-se: António Ferreira de Serpa, *Os Flamengos na Ilha do Faial. A Família Utra (Hurtere)*, Lisboa, s.n., 1929, p. 14. Seguimos a grafia utilizada em: Avelino de Freitas de Meneses, “O povoamento”, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, 2 vols., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, vol. I, pp. 63-109.

³ Além das referências históricas para várias ilhas acerca da busca de ouro ou outros materiais nos primeiros anos de exploração das ilhas, persiste ainda na memória popular (e hoje inclusive na toponímia) que o Faial terá sido apelidado a certa altura de “Ilha da Ventura” por essa mesma razão, o que estará enraizado na legenda “Insula dela uentura” da carta catalã de 1375 (vide *HIF*, vol. II, pp. 27 e 39).

⁴ Em obra recente, que compila a biografia de 12 das principais figuras ligadas ao processo expansionista português, um capítulo é dedicado a Jos Dutra, escolha justificada pela forma como conseguiu coordenar com sucesso o povoamento destas ilhas, não só por ter sido importante no contexto arquipelágico, mas por servir como exemplo a processos posteriores de presença portuguesa noutros locais. Cf. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *Construtores do Império*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017.

⁵ Sobre o povoamento do Faial veja-se: Avelino de Freitas de Meneses, *op. cit.*, e António Lourenço da Silveira Macedo, *História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta*, 3 vols., Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1981 [1.^a ed.: 1871], vol. I, pp. 8-23.

⁶ Veja-se o testamento da “capitoa velha”, Brites de Macedo: BPARJJG, Santa Casa da Misericórdia da Horta, cx. 1, livro do tombo n.º 1 (séculos XVI-XVII) [fragmentos], doc. s/n.º.

nessas casas, sendo lógico que os primeiros povoadores, ou pelo menos uma parte deles, se tenham instalado nesta área⁷. Jos Dutra filho instalou-se num promontório no centro da baía, onde residiu e construiu também uma ermida, com a evocação de Santiago, onde seria sepultado⁸. A Norte das suas casas, numa outra elevação natural a curta distância, construiu-se a igreja Matriz⁹, a qual estava já fundada em 1514, data em que é dotada de ornamentos e alfaias por D. Manuel¹⁰.

No decorrer do século XVI o centro da vila desenvolveu-se na área em redor da Matriz, na zona Norte da baía, entre as casas do capitão, a igreja e a ribeira. A primitiva Casa da Câmara, datando da centúria de Quinhentos, situava-se na Rua Velha, paralela à ribeira quase junto ao mar, no centro da chamada “Vila Velha”, que já no final desse século é assim registada por Gaspar Frutuoso, “porque naquele lugar se começou primeiro a povoar”¹¹. Este “povoar” não significa necessariamente ter sido o primeiro local de assentamento, provavelmente refere-se ao local em torno do qual se começou a construir o povoado. Este desenvolveu-se a Sul da ribeira, mas próximo dela, numa lógica utilizada noutras povoações portuguesas construídas neste período, como é o caso da estrutura urbana primitiva de Angra. O desenvolvimento da vila nesta localização, do lado oposto a Porto Pim, leva a crer que essa zona, a Sul, tenha sido local de assento do primeiro capitão, onde ergueu as suas casas e ermida, como já se viu, enquanto que o filho se fixou no centro da baía, promovendo o desenvolvimento da vila na zona Norte, entre as suas casas e a ribeira.¹² Terá assim sido o segundo capitão Jos Dutra, filho do primeiro, o “fundador” da vila.

Das primeiras décadas do século XVI, portanto do início da urbe, datam também a igreja e o hospital da Misericórdia e o convento de São João, os primeiros construídos no coração da malha urbana e o segundo já na sua periferia, em terreno muito próximo da Matriz. Também desse período será o atalho que une o antigo adro da Matriz à ribeira, no qual, além do seu traçado arcaico, subsiste ainda um lintel tardo-gótico, que constitui um dos raros vestígios da primitiva vila que

⁷ O testamento refere que um filho também foi sepultado na ermida de Santa Cruz. Cf. Marcelino Lima, *Anais do Município da Horta*, Horta, Câmara Municipal, 2005 [1.^a ed.: 1943], p. 53.

⁸ No local onde mais tarde seria erguido o colégio jesuíta e hoje está instalado o Museu da Horta, onde se encontra parte da sua pedra tumular, encontrada no local em 1851 (v. Marcelino Lima, *op. cit.*, pp. 59-60).

⁹ No local do actual Largo do Relógio.

¹⁰ Cf. Marcelino Lima, *op. cit.*, p. 244.

¹¹ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, in *HIF*, vol. I, p. 57.

¹² Esta hipótese foi já apresentada por Antonieta Reis Leite em *Açores, cidade e território. Quatro vilas estruturantes*, Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra, FCTUC, 2012 (policopiado), pp. 271-278. Para uma minuciosa análise do desenvolvimento da urbanização vejam-se as pp. 259-317.

chegaram à actualidade¹³. Estes equipamentos, como se vê, surgiram todos na já referida zona do centro-Norte da baía. Na área imediatamente a Sul existia uma extensa propriedade que pertenceu ao segundo capitão, sensivelmente entre o futuro local do colégio jesuíta, onde edificou as suas casas, e a actual Rua Dr. Melo e Simas, no topo da qual Francisco de Utra Quadros, que herdou a propriedade no final do século, construiria uma ermida. Pela localização conhecida da ermida do Livramento (desaparecida já no início do século XX), conseguimos perceber que a propriedade se estendia até aí, o que explica a tardia urbanização dessa zona. A propriedade foi doada pelo referido Francisco de Utra Quadros aos Jesuítas na primeira metade do século XVII, os quais ergueram o seu colégio no local das antigas casas do capitão, sendo proprietários também da ermida do Livramento. Portanto, na centúria de Seiscentos ainda não existia nenhuma rua entre as actuais Melo e Simas e Calçada Major Ávila¹⁴.

A vila quinhentista desenvolveu-se assim com o centro na zona Norte da baía, contígua à ribeira, certamente com uma rua junto ao mar a uni-la ao primitivo assentamento de Porto Pim e às gentes que aí moravam. Mas há dois elementos que parecem destoar desta lógica. O primeiro é o convento de São Francisco, que os cronistas datam também do início do século XVI, sendo muito provável esta cronologia, dado ser o período de início da vila e de criação das primeiras instituições, entre elas o referido convento das clarissas, que certamente terá sido precedido por um de franciscanos. Além disso, apesar de o convento ter sido reconstruído várias vezes e, inclusive, alterado ligeiramente a sua posição, foram encontrados numa parede da igreja actual (do final do século XVII) partes da base de um portal manuelino, que terá sido reciclado da construção primitiva, datando-a assim do início do século XVI. O segundo elemento é o forte de Santa Cruz, mais tardio, começado a construir na década de 1560. Ambas as construções, próximas entre si, não se situam, como seria de esperar, no núcleo da vila, mas sim na zona entre ela e Porto Pim, num local periférico em relação ao centro e precisamente no ponto menos urbanizado entre um local e outro. Não faria sentido que a fortaleza principal da vila se construísse junto das suas ruas mais importantes? Voltando ao testemunho de Gaspar Frutuoso, do final de Quinhentos, afirma que o convento primeiro se situou em Porto Pim e que na zona onde surgirá o castelo “está um porto chamado de Santa Cruz”¹⁵. O surgimento do forte nesta zona poderá explicar-se com o facto de se terem desenvolvido aqui as actividades ligadas à navegação e de ser, por isso, local mais propício a desembarques ou ataques inimigos. Em todo o caso, ficam as questões em aberto.

¹³ Cf. “Mirante da Conceição”, in Horta. Faial. *Inventário do Património Imóvel dos Açores*, Angra do Heroísmo/Horta, DRAC/IAC/CMH, 2003, p. 221.

¹⁴ A Rua de Jesus, assim chamada por surgir na propriedade dos Jesuítas, é possivelmente do século XVIII, enquanto a do Duque de Bragança é já do XIX.

¹⁵ *Op. cit.*

No extremo Sul, ter-se-á mantido um pequeno núcleo de duas ou três ruas em Porto Pim, mais concretamente entre a baía de Porto Pim e a zona de Santa Cruz, portanto junto da primitiva ermida, ainda referida por Frei Diogo das Chagas no século XVII e que terá continuado ao culto na centúria de Seiscentos, entrando num período de decadência. Desde esse núcleo até à actual Canada dos Arrendamentos, quase na fronteira com a Feteira, estende-se a zona do Pasteleiro. Nesta zona, nos arrabaldes da vila, desenvolveu-se o cultivo do pastel desde os primeiros tempos. Observando o espaço e a estrutura viária ainda hoje existente, constatamos que a maioria do que hoje existe nessa área, que corresponde hoje a parte significativa da freguesia das Angústias, é bastante recente, quase tudo já do século XX. Partindo do núcleo de Porto Pim ao longo da costa, em direcção ao Sul, a Rua do Pasteleiro tem casas do lado da terra no contorno da baía, até à guarita que assinala o final do sistema defensivo (e da baía de Porto Pim), mas depois elas passam para o lado do mar, construídas sobre a rocha, o local que não era possível rentabilizar com o cultivo. Do lado oposto, para o interior da terra, existem vários bairros e zonas habitacionais, quase tudo já do século XX, com excepção de alguns equipamentos, como a pedreira e os edifícios de apoio à construção da doca, que datam do final do século XIX (mesmo assim bastante tardios). Toda esta área manteve-se como espaço de cultivo até um período recente. As ruas mais antigas são a mencionada Rua do Pasteleiro, encaixada entre o Pasteleiro e o mar, e a Rua Príncipe Alberto de Mónaco, que delimita esse espaço do lado Norte. No topo desta última rua, precisamente na zona em que se bifurca em dois caminhos, está a ermida de Santa Bárbara, fundada por Pero Pasteleiro e sua mulher Madalena da Rosa por volta de 1500.¹⁶ O fundador, documentado como um dos primeiros povoadores, seria um dos responsáveis pela produção do pastel na ilha. É natural que a ermida tenha sido erguida junto das suas casas de morada, eventualmente com um pequeno núcleo habitado, e, se atendermos à sua posição, percebemos que o local permite vislumbrar toda a vasta área do Pasteleiro, desde a fronteira com a Feteira até à baía de Porto Pim, sendo por isso o sítio ideal para assento do responsável pelas actividades do local.

Continuando a observar a rede viária actual, certamente com raízes nos primeiros caminhos trilhados entre as povoações, percebemos que a Rua Príncipe Alberto de Mónaco une o local da ermida de Santa Cruz com a de Santa Bárbara. Um pouco antes de se chegar a esta última, há à direita a ligação com a Rua Condeheiro Terra Pinheiro, que desce ligada em contínuo à de São João, a qual marcava o

¹⁶ Marcelino Lima, *op. cit.*, p. 261. A versão actual da ermida resulta de várias alterações e reconstruções que foi sofrendo ao longo dos séculos, a última das quais no século XIX, mas deve ter-se mantido sempre erguida sobre os alicerces da primitiva, existindo um relato, transmitido por tradição oral, que refere que antes da colocação do soalho, em final de Oitocentos, eram ainda visíveis pedras tumulares primitivas, possivelmente a dos fundadores, as quais se manterão hoje no local, apesar de inacessíveis.

limite da urbanização pelo lado da terra (Oeste) e terminava na Matriz, no coração da vila. Um pouco acima, a ermida de Santa Bárbara marca a bifurcação, na qual um caminho conduz ao centro da Feteira (continuando depois para Castelo Branco e pelo Sul) e o outro vai directo ao centro dos Flamengos, pelo interior da ilha. Se continuarmos por este último, chegados à Rua Formosa, no núcleo mais antigo da freguesia, junto da ribeira e pouco antes da igreja, podemos virar à direita, descendo paralelo à ribeira até chegar novamente à igreja Matriz. Em alternativa, podemos continuar em frente, atravessando os Flamengos e continuando depois para Norte, sempre pelo interior da ilha, até aos Cedros. Apesar de não podermos ter a certeza de que estes percursos já existiam desde final de Quatrocentos ou mesmo nas primeiras décadas de Quinhentos, o certo é que unem os pontos principais que se sabe ou se supõe corresponderem aos núcleos mais antigos, enquanto que muitas das outras ruas de comunicação actuais são possíveis de datar em períodos mais recentes (como no caso do Pasteleiro, a que aludimos acima).

No lado Norte da vila, para lá da ribeira, existia a propriedade de Jos da Terra (Josse van Aard), outro flamengo da primeira leva de povoadores, doada pelo capitão da ilha. Foi ele que fundou a primitiva ermida da Conceição, a qual, ainda no século XVI, daria origem à segunda freguesia da vila. Pelo que se percebe seria proprietário do espaço entre a ribeira e a Espalamaca (possivelmente até ao topo do promontório ou um pouco mais além). Observando novamente a rede viária, constatamos que a saída Norte da vila é feita pela Calçada da Conceição, que mantém ainda o seu traçado arcaico, a qual vai até à Volta, de onde partem a Rua do Farrobo (rumo ao centro dos Flamengos) e a Calçada da Lomba (que sobe a Espalamaca, ligando com a Ladeira da Praia, a qual, por sua vez, desce até ao centro da Praia do Almoxarife). Temos, tal como no lado Sul, um conjunto de vias antigas a unir o centro dos povoados.

Feito este périplo, até agora centrado na vila e no seu envolvimento, olhemos agora o resto da ilha. O que sabemos ou conseguimos supor sobre o desenvolvimento do processo de povoamento?

Sabemos, por via da informação existente para outras ilhas, mormente o caso da Terceira, que foi usado o sistema das sesmarias no povoamento do arquipélago, sendo o capitão o responsável pela distribuição das propriedades pelos povoadores¹⁷. Para o caso faialense existe muito pouca informação disponível sobre as “dadas” de terras. Existe apenas um conjunto de documentos, conservados no *Tombo de Pero Anes do Canto*, o qual, residente na Terceira na primeira metade de Quinhentos, comprou propriedades no Faial, pelo que registou cópias das cartas de doação do capitão, assim como de posteriores vendas dessas terras. Trata-se de

¹⁷ Sobre este sistema veja-se: Rute Dias Gregório, “Formas de organização do espaço”, in *História dos Açores...*, cit., vol. I, pp. 111-140.

um conjunto de nove documentos, datados de entre 1488 e 1507, referentes, com excepção de um, a terras na zona Norte da ilha, entre a Ribeirinha e a Praia do Almoxarife¹⁸.

Um dos mais antigos, e talvez mais interessante, é a carta datada de 1488 de dada em sesmaria a Gonçalo Rodrigues e sua mulher Maria Miguel de uma terra no Ribeiro Seco, confrontando com *terra velha* de Pero Miguel¹⁹. A designação de “terra velha de Pero Miguel” faz pressupor que, enquanto ainda se estavam a distribuir terras, havia uma terra cuja propriedade seria consideravelmente mais antiga. Nem será necessário lermos o resto do registo para percebermos que esta terra ficava próxima da zona da actual freguesia de Pedro Miguel, cujo nome terá origem no de um sesmeiro do local. Em três outras cartas de doação, de 1492 e 1494, encontramos também referências à “Ribeira de Pero Miguel” (1 referência) e à “Grota de Pero Miguel” (3). Em 1489 é Gonçalo Rodrigues, “genro de Pero Miguel”, que compra uma terra na Ribeira Seca, na mesma zona.

Sem fazer uma análise detalhada destes documentos, até porque se trata de uma amostra muito reduzida, podemos, no entanto, tecer algumas breves considerações. A cronologia das dadas permite-nos aferir que neste período a ilha estava ainda a ser repartida e desbravada, o que seria expectável a pouco mais de duas décadas do início do povoamento. O facto de serem quase todos circunscritos a uma área próxima não é por si indicador de que aquela zona estivesse em desenvolvimento nesse período, ou que estivesse mais ou menos avançada em relação ao resto da ilha, pois não possuímos dados comparativos para outros locais. Talvez a constatação mais óbvia seja a presença de elementos toponímicos que facilmente se identificam ainda hoje. Além de Pero Miguel, vemos mencionada a Ribeirinha e a “Serra Gorda do Almoxarife” (relacionada com a Praia do Almoxarife?). No caso de Pero Miguel, estas referências permitem-nos afirmar com elevado grau de certeza que o topónimo actual tem origem no século XV e que na sua origem esteve uma das primeiras dadas da ilha. É de supor que a sesmaria fosse de dimensão e que dentro dela tenha surgido a paróquia, nas “terras de Pero Miguel”, daí a manutenção do topónimo até hoje. Entre esta freguesia e a vila fica a Praia, hoje chamada do Almoxarife. Neste período surge a citada referência à “Serra Gorda do Almoxarife”. Seriam a mesma pessoa? Seria Gomes Martins, o almoxarife da ilha em finais de Quatrocentos, que outorga com o capitão as concessões de terras?

Não será possível responder com precisão à maioria das questões que estas cartas nos colocam, mas podemos visualizar um pouco do que seria o ritmo vivencial destes primeiros faialenses. Uma questão que se nota é a mudança de proprietários que se observa para estas terras, em curtos períodos de tempo. Outra, talvez

¹⁸ Rute Dias Gregório (transcrição e notas), “O Tombo de Pero Anes do Canto (1482-1515)”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LX (2002), pp. 9-240.

¹⁹ *Idem*, pp. 134-135. Itálico na transcrição.

mais significativa, é a aparente ausência de flamengos nestas transacções. Estariam os flamengos confinados sobretudo ao Vale e à Ribeira dos Flamengos? Já aqui referimos Jos da Terra, que teve direito a uma vasta propriedade, mas este, pelas referências que nos chegam, estaria entre os principais povoadores e companheiros de Dutra, sendo, por isso, um caso excepcional.

Ainda no Norte da ilha, segundo Marcelino Lima, “onde são as freguesias do Salão, Ribeirinha e Pedro Miguel”, “formou residência” Johane Anne (João Anes), irmão de Jos da Terra e casado com a também flamenga Margarida Luís²⁰.

Voltando novamente ao lado Sul, Josina Dutra, irmã do primeiro Jos Dutra e também pertencente à primeira leva de povoadores, viveu na Feteira, onde morreu antes de 1549, sendo sepultada na igreja local (desconhecendo-se se seria já paróquia nessa altura)²¹. Também António Dutra, seu primo e outro dos povoadores iniciais, fixou residência neste local²². Segundo Frei Diogo das Chagas é dele que descendem todas as famílias com o apelido Dutra, sendo que os seus descendentes, segundo Marcelino Lima, “se fixaram em Castelo Branco, Flamengos e outros pontos da ilha”, parecendo deixar implícito, com esta enumeração, a antiguidade do povoamento de Castelo Branco, tal como o já afirmara para os Flamengos²³. Teria Jos Dutra doado sesmarias à irmã e ao primo nessa zona? Terão eles tido um papel na criação de um assentamento onde depois surgiria a freguesia? Se assim foi, podemos arriscar terem também estado entre os fundadores da ermida que depois originou a igreja e a respectiva paróquia. São apenas suposições, umas mais arriscadas que outras, mas que colocam em cima da mesa mais questões e possibilidades para reflexão. É natural que Jos Dutra tenha concedido terras aos familiares, sendo de esperar que fossem numa zona boa da ilha. Se pensarmos novamente no Pasteleiro, partindo do princípio que essa propriedade era do próprio Dutra e da mulher, faz sentido que os membros da sua família se tenham fixado em zonas próximas, talvez mesmo contíguas.

Correndo o risco de errar totalmente ou de cometer alguma falha, expomos, como mero exercício de reflexão, o seguinte cenário: no início do povoamento, podemos supor que por 1470 ou até antes, Jos Dutra escolhe a baía da Horta para residir, ao mesmo tempo que começa a dividir a ilha em parcelas e a distribuí-las pelos principais povoadores. Em zona contínua, a Sul das suas propriedades, instala a sua irmã e o seu primo. Elege Porto Pim para sua própria residência, tendo em redor uma vasta propriedade, estendida pelas duas baías. Na parte Sul começa-se a cultivar o pastel, enquanto que a Norte, até à ribeira, cria-se uma rua rente ao mar

²⁰ *Op. cit.*, p. 42.

²¹ Cf. Jorge Forjaz e António Ornelas Mendes, *Genealogias das Quatro Ilhas. Faial. Pico. Flores. Corvo*, 4 vols., Lisboa, LisLivro Histórica, 2009, vol. 4, p. 2791.

²² Cf. Marcelino Lima, *op. cit.*, p. 41.

²³ *Idem*, p. 42.

e começam a surgir algumas casas dos primeiros habitantes. Mais tarde o seu filho escolherá uma parte dessa terra, em direcção ao centro da baía, para construir as suas casas, destinando a parcela seguinte para fundar a futura vila. Logo a Norte da ribeira o primeiro capitão faz doação a Jos da Terra, outro dos flamengos que o acompanha desde o início, o qual fundou uma ermida junto das suas casas, dedicada à Senhora da Conceição, que mais tarde daria origem à segunda paróquia da vila. Do outro lado do promontório, que será baptizado em língua flamenga como a “cabeça da agulha” (*Espalamaca*), uma terra é doada ao seu almoxarife (terá também fundado uma ermida e um pequeno povoado em seu redor, junto à praia que depois receberá o seu nome?...). Mais adiante, uma outra área é entregue a Pero Miguel, que podemos supor também da primeira leva de povoadores, na qual surgirá depois um povoado. Subindo a ribeira da vila, pelo interior da ilha, chega-se a um vale, o único local interior provido de água, onde se fixa um contingente de população flamenga, o qual receberá o nome da nacionalidade dos seus primeiros habitantes.

Este é um exercício propício ao erro, mas não deixa de ser útil para tentar cruzar várias informações dispersas e, de algum modo, construir um cenário possível sobre o processo de povoamento, mesmo que o resultado final não seja exacto ou se dê por inconclusivo. Sabemos que o primeiro capitão se fixou em Porto Pim, que o filho construiu casa no centro da baía e daí irradiou a vila, que Jos da Terra recebeu as terras da futura Conceição e Pero Miguel as da futura Pedro Miguel; supomos que Josina Dutra tenha recebido terras na Feteira, que Gomes Martins as tenha recebido na Praia e que tenha havido flamengos no Vale dos Flamengos, mas o que nos garante? E de que proporções seriam essas terras? Quem viveria nelas? Quem recebeu as sesmarias nos espaços entre umas e outras? Ficam as questões.

Uma aproximação ao esquema da ocupação da ilha é possível em grande escala e observando fontes muito posteriores, que pouco nos dizem sobre este período. No entanto, a sua observação pode ajudar-nos a perceber em certa medida os ritmos do processo, identificando, por exemplo, zonas de desbravamento tardio ou percebendo em que áreas estavam os maiores quocientes populacionais.

Mas, antes disso, deixamos uma última reflexão (e mais algumas questões).

Voltando ao relato de Frutuoso, ainda sobre a zona de Santa Cruz, o cronista afirma que em frente à ermida “está um pico no qual dizem foi primeiro situada a vila dos primeiros povoadores que entraram na ilha”²⁴. Querera isto dizer que nesse local se ergueram as casas dos primeiros povoadores? Se assim foi, porque é que a primitiva ermida foi erguida na base do monte e não no local dessas primeiras construções? De facto, todos os indícios documentais indicavam que a primitiva ermida seria no local ou muito próximo da actual igreja das Angústias, sendo as

²⁴ *Idem*, p. 58. Este “pico” será, ao que tudo indica, o Monte das Moças.

dúvidas dissipadas em recente intervenção arqueológica efectuada no seu adro, no decurso da qual foram encontrados vestígios datáveis desde o século xv, além de estruturas construídas e enterramentos de vários períodos, atestando que este espaço foi usado para fins religiosos desde o povoamento e, portanto, seria aqui a localização da ermida primitiva.²⁵ O que seria então esta “vila dos primeiros povoadores que entraram na ilha”? Lembremo-nos que Jos Dutra, aquando da sua vinda como capitão e consequente fixação definitiva na ilha, já lá tinha estado com um grupo de exploradores flamengos, como fica patente na sua carta de concessão da capitania.²⁶ Seriam esses “os primeiros povoadores que entraram na ilha”? Ou terá havido outros antes deles?

Silveira Macedo, baseando-se nos cronistas, na tradição oral e, possivelmente, noutros documentos que não chegaram até nós, afirma que antes de Dutra, talvez ainda na década de 1450, um grupo de povoadores provenientes da Terceira terá desembarcado no Faial, “por tradição [...] no sitio onde é hoje a freguesia dos Cedros”, deslocando-se pouco depois para o sul da ilha e instalando-se no mencionado monte, próximo do local onde surgiria a futura vila²⁷. A ser verdade, o registo de Frutuoso faz sentido, quando identifica dois locais para o início do povoamento, tratando-se de duas situações distintas. Em todo o caso, mais uma vez, na ausência de certezas ficam lançadas as questões.

Um último comentário, a partir da “deixa” de Silveira Macedo sobre o possível desembarque nos Cedros. Dada a posição deste local, no ponto mais a Norte da ilha, é perfeitamente natural que um navio vindo da Graciosa ou da Terceira, contornando S. Jorge pelo Norte, desembarcasse nesta zona. Da mesma forma que uma aproximação feita a partir de ou rente à costa Norte do Pico acabasse por fundear junto da Praia do Almoxarife, como parece que aconteceu na chegada do primeiro contingente trazido por Jos Dutra. Independentemente disso ou não, os Cedros ocuparam desde cedo um lugar de destaque na ilha, em particular no contexto rural. Já Frutuoso afirmava que este era o “mais principal lugar da ilha, tirando a vila de Horta, que está [esta freguesia] situada na terra tão longe da rocha como um quarto de légua, onde há muita gente nobre”²⁸. Apesar da primeira referência concreta à freguesia datar de 1584, o lugar dos Cedros já é mencionado num documento de 1505, sendo provável que a paróquia já existisse ou fosse criada pouco tempo depois, pois a sua igreja primitiva pode datar-se no primeiro quartel de Quinhentos, como atesta o portal dela, que ainda hoje existe, inserido na nova

²⁵ Sobre esta intervenção veja-se: N’Zinga Oliveira, João G. Araújo e Marla Silva, “O Adro da Igreja de Nossa Senhora das Angústias”, in *Carta Arqueológica dos Açores*, 307-A, acessível em <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/paa/ca/Default.aspx>>.

²⁶ Cf. Marcelino Lima, *op. cit.*, p. 40.

²⁷ *Op. cit.*, pp. 9-10.

²⁸ *Op. cit.*, p. 59.

igreja²⁹. Também nos Cedros se localizam os dois mais antigos vestígios de casas nobres do Faial, ambos exemplares arquitectónicos excepcionais, datáveis dos séculos XV-XVII³⁰. Uma delas, construída em jeito de torre de menagem em lugar com vista sobre a extensão da freguesia até ao mar, segundo a tradição pertenceu à linhagem dos Pereira, descendentes de João Garcia Pereira, um nobre que foi para o Faial no início do século XVI e que é referido numa justificação de nobreza datada de 1542, num testemunho relativo a 1519, como um dos três homens principais da ilha³¹. Será também no local que se fixa outro nobre português no mesmo período, Jorge Peixoto de Carvalho, segundo parece, e tal como o primeiro, na sequência de um crime cometido na sua terra de origem³². A fixação do primeiro nos Cedros, onde parece ter estado também o segundo, sugere que a localidade seria já de alguma importância, caso contrário era natural que se fixassem na vila, que se começava a construir. Olhando estas várias informações, e pensando no caso de outras ilhas que tiveram povoamentos simultâneos em vários locais e até o posterior surgimento de mais de um concelho, será possível que tenha havido um outro assentamento primitivo neste local? Talvez rivalizando com o capitão flamengo? Encabeçado por um grupo de portugueses? Coevo da capitania ou anterior a ela, com gente oriunda das ilhas vizinhas? Voltando ao discurso de Silveira Macedo, sobre a chegada de Dutra já como capitão e acompanhado de gente para desenvolver o(s) primeiro(s) assentamento(s):

Estabelecidos os rudimentos da família fayalense passou o [capitão do] donatario com sua familia e dependentes a reunir-se aos primitivos povoadores que encontrára junto ao cabeço ja indicado³³, dos quaes obteve algumas informações agricolas que desejava³⁴.

Se tivermos como verdadeira a informação da presença de um assentamento anterior à chegada dos povoadores que acompanharam Dutra depois de Fevereiro de 1468, podemos colocar várias possibilidades quanto à origem dos seus membros. Seriam os flamengos que tinham acompanhado Dutra na primeira exploração da ilha, que tenham ficado lá a residir? Seriam portugueses vindos, entretanto, das ilhas vizinhas? E em que fase estaria o seu assentamento? Segundo o mesmo autor seria um grupo muito reduzido de pessoas, mas a indicação de que o recém-nomeado capitão lhes pediu informações sobre a ilha para começar a desenvolver a sua

²⁹ Cf. Horta. *Faial...*, cit., p. 130.

³⁰ *Idem*, pp. 136 e 141.

³¹ *Árvore de Geração dos Pereiras das Ilhas*, Biblioteca Nacional de Portugal, Fundo Conde do Botelho, “Justificação de Nobreza” (doc. s/n.º). Sobre ele veja-se: Carlos Ary dos Santos, *Um aventureiro português do século XV – atribulações e família de João Garcia Pereira na ilha do Faial*, Lisboa, edições S.A.A., 1969.

³² Marcelino Lima, *op. cit.*, pp. 44-45.

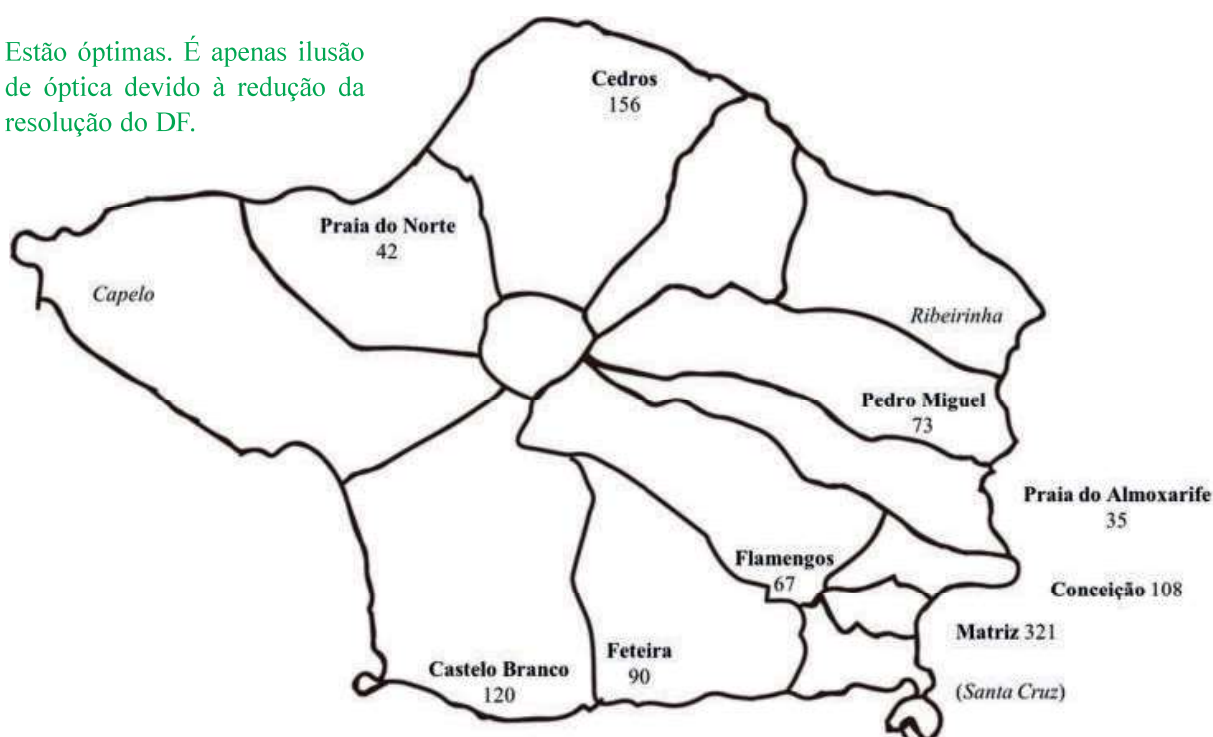
³³ Monte das Moças.

³⁴ *Op. cit.*, vol. I, p. 16.

exploração agrícola sugere que já teriam algum conhecimento sobre as características do terreno. Tê-lo-iam também informado sobre o tal lugar no Norte da ilha onde primeiro desembarcaram? Ou terá também a leva de Dutra arribado ao local, escolhendo depois a baía virada ao Pico para desenvolver o povoado principal? Colocando o cenário da presença de um grupo forte de povoadores na zona Norte, coordenados ou não por Jos Dutra, é de admitir que o capitão tenha feito por controlar o grupo e mantê-lo sob sua alçada, tal como se percebe ter feito com os restantes povoadores. Mas, uma outra vez, são apenas hipóteses, neste caso mais remotas.

Ficando a nota sobre esta freguesia particular, façamos então um último exercício de aproximação ao percurso de ocupação do espaço faialense.

Estão óptimas. É apenas ilusão de óptica devido à redução da resolução do DF.



2. As freguesias do Faial segundo Gaspar Frutuoso (c. 1590).

A negrito as freguesias identificadas por Frutuoso, com o respectivo número de fogos. Em itálico as outras localidades mencionadas (que não sejam freguesias). As linhas de divisão dentro da ilha correspondem às fronteiras das freguesias na actualidade.

Comecemos pelo fim, pelo termo do século XVI. Na já citada obra de Gaspar Frutuoso são referidas as seguintes freguesias: Conceição, Matriz, Flamengos, Feteira, Castelo Branco, Praia do Norte, Cedros, Pedro Miguel e Praia do Almocharife. Além delas surge menção ao povoado do Capelo, então lugar da freguesia da Praia do Norte, provavelmente já com alguma dimensão, pois seria criado em paróquia poucos anos depois, assim como uma breve referência ao lugar da Ribeirinha (figura 2).

Além da crónica de Gaspar Frutuoso, existem para o mesmo período três registos cartográficos importantes, que elencam as freguesias da ilha e alguma da sua toponímia, quase toda em torno da costa. O mais antigo é um mapa hoje conservado na Biblioteca Nacional do Brasil, datável de c. 1570, o qual regista os seguintes povoados: “Vila Dorta”, “Feiteiras”, “Castelo Brãco”, “Os Cedros”, “Ribeirinha”, “A Praia” e “dos framengos”. Ao longo da costa sucedem-se nomes de pontas, ilhéus, ribeiras e outras formações naturais, existindo apenas dois locais identificados no interior da ilha: “A Caldeira” e “Serra”³⁵. Em 1584 é publicado em Antuérpia o primeiro mapa rigoroso dos Açores, da autoria do cosmógrafo Luís Teixeira, inserido na obra *Theatrum Orbis Terrarum*, editada por Abraham Ortelius (figura 1). Do mesmo autor existe um original na Biblioteca Nacional de Florença, manuscrito e em maior escala, por isso representando maior detalhe, embora mantendo a mesma estrutura e referências toponímicas do anterior, denunciando assim uma matriz comum³⁶. Em ambos são representadas as seguintes localidades: Vila do Faial (no local da vila da Horta), paróquia de Santa Catarina (Castelo Branco), Castelo Branco, paróquia da Trindade (Praia do Norte), Cedros, Nossa Senhora da Graça/Praia do Almoxarife³⁷ (no local de Pedro Miguel) e paróquia de Santa Cruz (no local da Praia do Almoxarife).

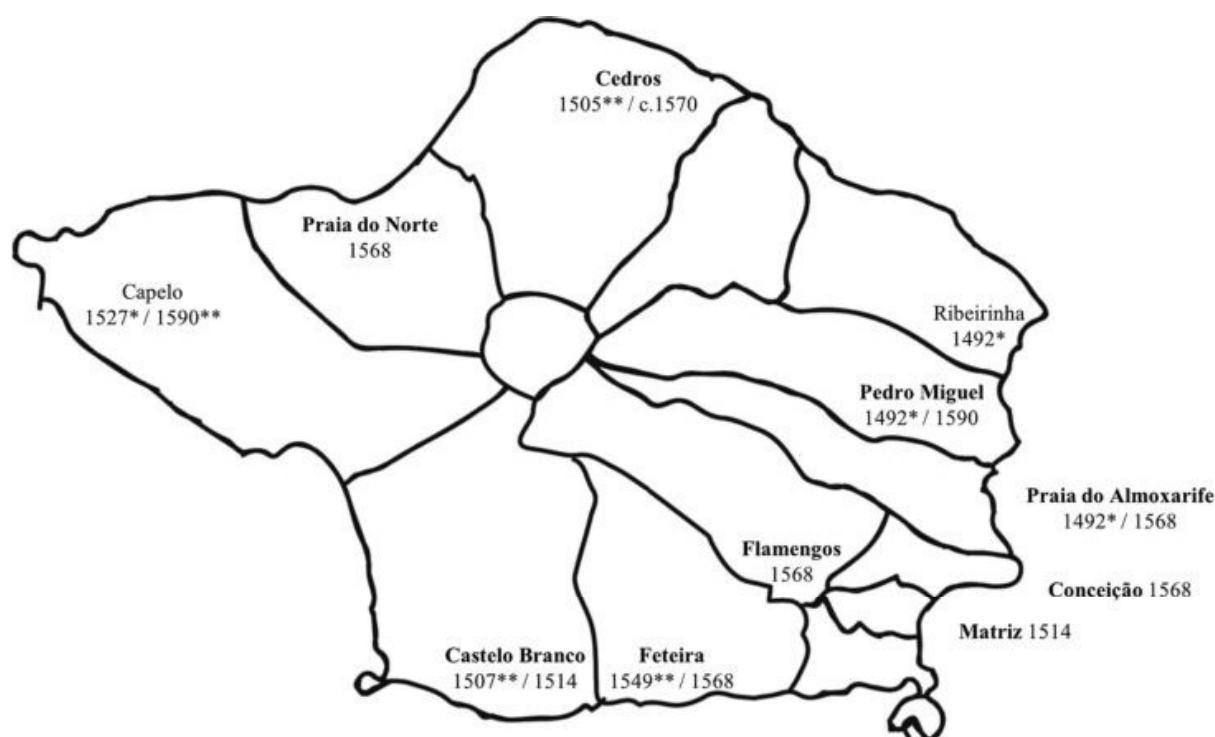
Como se constata de imediato olhando os três mapas, os locais neles referidos diferem, tanto entre o do Rio de Janeiro e os de Luís Teixeira, como em relação à representação feita nas *Saudades da Terra*. Quanto aos mapas de Luís Teixeira, podemos facilmente refutar de imediato algumas das identificações, mas se olharmos em detalhe e compararmos com as restantes informações podemos reconhecer tratarem-se, quase certamente, de confusões entre os vários locais, pois os povoados representados estão nos locais onde sabemos existirem freguesias neste período, apenas os nomes não estão todos correctos. No caso do outro mapa, está mais próximo do relato de Frutuoso, mas observam-se duas diferenças importantes: não são representadas as freguesias da Praia do Norte nem de Pedro Miguel, mas, muito próximo desta última, é representado um pequeno povoado sem legenda; em contrapartida é representada a Ribeirinha. Mais uma vez a explicação pode estar em informação deficiente, mas fica por explicar a presença da Ribeirinha, que surge ao nível das restantes paróquias, quando não é referida como tal por Frutuoso. Próximo dos Cedros, a Sudeste, surge também um pequeno povoado sem qualquer legenda, que supomos tratar-se da Praia do Norte, erradamente representada (fica do lado oposto, a Sudoeste).

³⁵ Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Cartografia, “Ilha do Fayal” [a. 1570], carta manuscrita, desenho a nanquim, colorido aquarelado, dimensões: 40,5×55 cm, escala: c. 1:100.000. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, acessível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1090211.htm>.

³⁶ Biblioteca Nacional de Florença, cota: Port. 19. Reproduzido em: *HIF*, vol. III, pp. 50-51.

³⁷ Na versão impressa (1587) surge apenas N. S. da Graça, o que se pode explicar simplesmente com a economia de espaço.

Dos quatro documentos o mais fiel será sem dúvida o relato escrito, razão pela qual o utilizamos para reconstruir a estrutura dos povoados no final do século, apresentada na figura 2. Não obstante, a observação dos mapas é interessante para perceber outras questões, como o modo como a ilha é representada e, sobretudo, perceber as zonas de maior povoamento. Estes três mapas permitem-nos vislumbrar uma ilha com um povoamento bem consolidado nas costas Sul e Este (em redor da vila) e no extremo Norte (Cedros), existindo entre ambos uma vasta área sem qualquer povoado, o que se pode constatar sobretudo no mapa do Rio de Janeiro, por ser o que melhor se aproxima do formato real da ilha e também, em certa medida, no esquema apresentado na figura 2.



3. As referências mais antigas às freguesias.

A negrito os nomes das freguesias e a letra normal os lugares que surgem já referidos no século XVI e que dariam depois origem a freguesias. As datas assinaladas com * correspondem à primeira referência ao topónimo, as assinaladas com ** à primeira referência como povoado e as sem qualquer sinal referenciam a primeira menção à paróquia. As linhas de divisão dentro da ilha correspondem às fronteiras das freguesias na actualidade.

Anterior a estas representações não existe nenhuma outra que registe as freguesias da ilha, mas através de informação fragmentária conseguimos recuar um pouco mais, tentando criar uma imagem que, podendo não acrescentar muito mais, pelo menos poderá ser útil para reforçar o que temos recolhido anteriormente. Recorrendo a fontes várias, conseguimos organizar o esquema da figura 3, que parte do organizado a partir de Frutuoso e pretende sistematizar as informações mais antigas encontradas sobre cada local.

A zona correspondente a Porto Pim e à vila foi ocupada desde o início do povoamento, como já se viu, sendo muito provável que também tenham existido assentamentos iniciais no vale dos Flamengos e na Feteira, os espaços imediatos à vila. Nos documentos mais antigos existentes sobre a ilha, já citados anteriormente, existem menções aos topónimos da Ribeirinha, Pedro Miguel e Praia, ainda no século XV, no contexto das dadas de terra por parte do primeiro capitão, sendo de admitir que existisse já algum tipo de assentamento nesta zona, que começava então a ser desbravada. Tendo em conta que no final da década de 1480 Jos Dutra ainda distribuía sesmarias na zona de Pedro Miguel, a Norte da vila, é de supor que essa distribuição tenha começado nas zonas imediatas à Horta, estendendo-se depois às restantes. Para Castelo Branco existe o registo de um indivíduo que declara residir no local em 1507. Sete anos depois, em 1514, D. Manuel doa alfaias à igreja paroquial, pelo que sabemos que já existia a paróquia. Será então de supor que também já existisse a da Feteira, mais próxima da vila e lugar de residência de dois familiares próximos do capitão. O testamento de Brites de Macedo, de 1527, menciona terras no Capelo, pelo que a zona seria desbravada ou pelo menos teria sido já dada em sesmarias. No entanto, por 1590, existindo já um povoado, era lugar da freguesia da Praia do Norte, sendo a do Capelo criada só em 1600, o que poderá indicar uma ocupação lenta do espaço ou mesmo um povoado mais tardio, não relacionado com assentamentos de povoadores iniciais (como acontecerá posteriormente noutros locais). Sobre a Praia do Norte sabe-se que já era paróquia em 1568, não existindo informação anterior. No caso dos Cedros, há também referência a um residente no lugar em 1505 e a paróquia surge pela primeira vez como tal no mapa mais antigo da ilha (*c.* 1570). No entanto, apesar de não se conhecerem, por exemplo, doações régias à sua igreja no século XVI, como aconteceu com outras, tudo indica que ela já existisse desde o início do século, sobretudo por causa da arquitectura do templo primitivo, que o permite datar no primeiro quartel de Quinhentos. Tendo isso em consideração, podemos arriscar uma leitura “ao contrário”, colocando a hipótese de a igreja (e a paróquia) ser até mais antiga e, por conseguinte, já completa e paramentada, não necessitando por isso do auxílio externo, como aconteceu, em 1514, com a Matriz e Castelo Branco, e, em 1568, com a Feteira, Flamengos, Conceição, Praia do Almoxarife e Praia do Norte. Aliás, atendendo a esta lista, observamos que, das paróquias que se tem como certo existirem até esta data (1568), a dos Cedros é a única para a qual não se conhecem doações deste género, apesar de estar, garantidamente, entre as mais antigas.

Voltando ao mapa, a qualquer um deles, aliás, vemos uma concentração de povoações das costas Sul e Este da ilha, duas no Norte e uma área com pouca ou nenhuma ocupação entre essas duas zonas. Observando a disposição actual das freguesias (visível nas figuras 2 e 3), percebe-se que nas costas Sul e Este, correspondentes às zonas contíguas à vila, existem mais povoados e freguesias mais pequenas, enquanto que no Oeste e Norte da ilha elas têm uma dimensão maior.

Mesmo Castelo Branco e a Feteira, tendo uma dimensão considerável em termos da sua área total, têm os centros habitados junto à costa e próximo um do outro (por oposição, entre Castelo Branco e o Capelo existe a maior distância que separa dois centros de freguesias, a qual era ainda maior no século XVI antes da criação desta última, existindo um grande espaço entre ela e a da Praia do Norte).

Na posse destas observações, podemos concluir que o processo de povoamento humano, ou seja, de concessão e desbravamento de terras e consequente formação de assentamentos e povoados, irradiou a partir da vila, sendo mais lento e espaçado consoante se afastava dela? Então como surgiu a freguesia dos Cedros, na ponta oposta da ilha e com um povoamento tão antigo? Terá correspondido a um assentamento coevo aos da Horta e da zona Sul da ilha? Se sim, podemos admitir a possibilidade de a Praia do Norte ter surgido como lugar dos Cedro, depois autonomizado, tal como aconteceria mais tarde com o Capelo (correspondendo assim a uma expansão para Sul, no sentido oposto ao que aconteceu em relação à vila).

Olhando, uma última vez, o relato das *Saudades da Terra*, assalta-nos o seguinte trecho, inserido da descrição da ilha: “Colhe-se nesta ilha muito trigo e pastel, por *a maior parte dela ser lavradia*”, no entanto, “*mais da metade dela está cheia de mato e arvoredos baixos*. São as árvores cedros, zimbro, folhado, louro, sanguinho, tamujo e românia”³⁸. A aparente contradição entre “a maior parte dela ser lavradia” e “mais da metade dela está cheia de mato” explica-se se lermos a primeira premissa como indicando a potencialidade da ilha, a qual, tendo em conta a segunda, não estaria a ser aproveitada. Lendo a última frase citada, a menção a diferentes espécies que hoje sabemos serem endémicas da região indica-nos que essa “mais de metade dela”, ou pelo menos uma grande parte, não teria ainda sido alvo de um desbravamento completo, mantendo, pelo menos em certa medida, o seu estado original. Podemos presumir que grande parte desse “mato e arvoredos baixos” se situasse na faixa entre as costas Oeste (Capelo – Castelo Branco) e Nordeste (actual Salão), ocupando a maioria do interior da ilha, área que no mapa do Rio de Janeiro surge com a legenda de “Serra”.

Esta visão, de uma paisagem ainda parcialmente intocada no final de Quinhentos, parece reforçar a ideia de um processo de povoamento lento e difícil, coordenado a partir do povoado primitivo que daria origem à vila da Horta (provavelmente a “vila de Huertere”, aludindo ao seu fundador), assim como corroborar as hipóteses que colocámos sobre a distribuição de terras e ocupação das zonas Sul e Este pelos primeiros povoadores. Também está em linha com as possibilidades lançadas sobre um possível povoamento paralelo no Norte da ilha, onde a paróquia dos Cedros surge como um caso excêntrico e difícil de explicar à luz da lógica traçada.

Apresentadas estas hipóteses, ficam ainda muitas perguntas por responder, tanto quanto ao que expusemos até aqui, como em relação a quase tudo o resto. Quem seriam estes homens e mulheres que se aventuraram no desbravamento de uma(s) ilha(s) desconhecida(s)? O que os levou a deixar tudo para arriscar uma nova vida no obscuro “mar oceano”? O que encontraram os que aqui primeiro chegaram? Como se adaptaram à ilha? Como adaptaram a ilha a si? Quem seria esse Pero Miguel a quem foram dadas terras que ainda hoje trazem o seu nome inscrito? Quem seria o seu genro Gonçalo Rodrigues, que em 1489 adquiriu uma terra próxima do sogro em troca de oito porcos? Quem seria o escudeiro Gaspar Cardoso, a quem, em 1517, el-rei Dom Manuel doou no Faial uma casa que havia sido apreendida a um homem acusado de roubar trigo da Coroa? Ficam colocadas as questões.

Fontes

Biblioteca Nacional de Portugal, Fundo Conde do Botelho, “Justificação de Nobreza” (doc. s/n.º) – *Árvore de Geração dos Pereiras das Ilhas*.

BPARJJG, Santa Casa da Misericórdia da Horta, cx. 1, livro do tombo n.º 1 (séculos XVI-XVII) [fragmentos], doc. s/n.º – Testamento de D. Brites de Macedo.

BPARJJG, Tiago Simões da Silva, mapa de Luís Teixeira – Luís Teixeira, *Açores Insulae*, Antuérpia, Abraham Ortelius, 1584.

GREGÓRIO, Rute Dias (transc. e notas), “O Tombo de Pero Anes do Canto (1482-1515)”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LX (2002), pp. 9-240.

História da Ilha do Faial. Das origens a 1833, 3 vols. publicados, Horta, Câmara Municipal, 2008-2012.

Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Cartografia, “Ilha do Fayal” [a. 1570], carta manuscrita, desenho a nanquim, colorido aquarelado, dimensões: 40,5×55 cm, escala: c. 1:100.000. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, acessível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1090211.htm>.

Bibliografia

COSTA, João Paulo Oliveira e; RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, *Construtores do Império*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017.

FORJAZ, Jorge; MENDES, António Ornelas, *Genealogias das Quatro Ilhas. Faial. Pico. Flores. Corvo*, 4 vols., Lisboa, LisLivro Histórica, 2009.

GREGÓRIO, Rute Dias, “Formas de organização do espaço”, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, 2 vols., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 111-140.

- Horta. Faial. *Inventário do Património Imóvel dos Açores*, Angra do Heroísmo/Horta, DRAC/IAC/CMH, 2003.
- LEITE, Antonieta Reis, *Açores, cidade e território. Quatro vilas estruturantes*, Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra, FCTUC, 2012 (policopiado).
- LIMA, Marcelino, *Anais do Município da Horta*, Horta, Câmara Municipal, 2005 [1.^a ed.: 1943].
- MACEDO, António Lourenço da Silveira, *História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta*, 3 vols., Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1981 [1.^a ed.: 1871].
- MENESES, Avelino de Freitas de, “O povoamento”, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, 2 vols., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, vol. I, pp. 63-109.
- OLIVEIRA, N’Zinga; ARAÚJO, João G.; SILVA, Marla, “O Adro da Igreja de Nossa Senhora das Angústias”, in *Carta Arqueológica dos Açores*, 307-A, acessível em < <http://www.culturacores.azores.gov.pt/paa/ca/Default.aspx>>.
- SANTOS, Carlos Ary dos, *Um aventureiro português do século XV – atribulações e família de João Garcia Pereira na ilha do Faial*, Lisboa, edições S.A.A., 1969.
- SERPA, António Ferreira de, *Os Flamengos na Ilha do Faial. A Família Utra (Hurtere)*, Lisboa, s.n., 1929.